



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6660 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

A VISIBILIDADE DA PROFESSORA NEGRA LÉSBICA NAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA.

Gersier Ribeiro dos Santos - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Zuleide Paiva da Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

Agência e/ou Instituição Financiadora: Não

A VISIBILIDADE DA PROFESSORA NEGRA LÉSBICA NAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA.

1 INTRODUÇÃO

Me compreendendo como ser presente e atuante na educação, professora, pesquisadora, lésbica negra interessada nas experiências de professoras lésbicas negras, meu desafio neste estudo é mapear a produção científica com foco em questões lésbicas percebidas como temáticas relevantes para as lésbicas e suas/nossas lutas, na educação e fora dela.

Situado no campo dos estudos feministas, sobretudo produzido por autoras lésbicas, este estudo é atravessado pelo compromisso político de conhecer e visibilizar as produções acadêmicas que constituem o campo da lesbianidade. Esse compromisso leva em conta a necessidade de vislumbrar, apreciar e buscar aproximações relevantes e coerentes para a minha pesquisa em andamento em um programa de Mestrado Profissional em Educação, além da necessidade de me orientar em perspectivas outras, com novos olhares e abordagens, contribuindo assim, para o enriquecimento científico da minha pesquisa. Dessa forma, este estudo se apresenta como Revisão Sistemática de Literatura (RSL), uma atividade essencial no desenvolvimento de trabalhos acadêmicos e científicos. De acordo com o artigo publicado por Maria Cristiane Barbosa Galvão e Ivan Luiz Marques Ricarte (2019):

A revisão sistemática de literatura é uma modalidade de pesquisa, que segue protocolos específicos, e que busca entender e dar alguma logicidade a um grande corpus documental, especialmente, verificando o que funciona e o que não funciona num dado contexto. Está focada no seu caráter de reprodutibilidade por outros pesquisadores, apresentando de forma explícita as bases de dados bibliográficos que foram consultadas, as estratégias de busca empregadas em cada base, o processo de seleção dos artigos científicos, os critérios de inclusão e exclusão dos artigos e o processo de análise de cada artigo. (GALVÃO; RICARTE, 2019, p. 04)

O propósito deste estudo é, portanto, refletir sobre a produção científica que trata de questões lésbicas. Para tanto, foram definidas as seguintes questões norteadoras: Como as questões lésbicas são tratadas nas pesquisas de pós-graduação no Brasil, em especial no campo da educação? Como as professoras lésbicas negras são refletidas na produção científica? Em busca de resposta para essas inquietações me dediquei sobre as produções disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, reconhecendo que, conforme afirma Ana Carla Lemos (2017), é de suma importância olhar para o Brasil e suas produções científicas, pois no país há centros hegemônicos de conhecimento que tornam-se valorizados, enquanto outros são excluídos, “[...] subalternizando, não apenas regiões, mas questões que tem que ser discutida na geopolítica interna brasileira. Se o capitalismo e a globalização beneficiaram certos núcleos, as epistemologias internas também têm potencializado lugares e temas hegemônicos”. Parto do pressuposto que as questões lésbicas são invisibilizadas na produção científica.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Minha busca inicial começou pelo catálogo de dissertações do programa de mestrado ao qual sou vinculada. Nessa plataforma utilizei os descritores, *lésbicas e sapatão* e fiz uma ampliação intencional com os descritores: *professoras lésbicas e sexualidade*. Nenhum registro foi encontrado com os descritores *lésbicas, sapatão e professoras lésbicas*. Com o descritor *sexualidade*, encontrei a dissertação de Maria Goretti Ramos de Almeida (ALMEIDA 2019), publicada no ano de 2019, com o seguinte título: *Currículo, professoralidade e sexualidade*. Esse trabalho tem como objetivo discutir como as questões de corpo, sexualidades e gênero atravessam o currículo e movimentam professoralidades em torno dessas temáticas.

O resultado dessa busca na produção do programa aponta para o pioneirismo do meu trabalho, que rompe o silêncio em torno da lesbianidade no Programa trazendo para o centro da discussão a (re)existência da professora lésbica negra no ensino superior. No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES^[1] utilizei como descritor único e principal a palavra *Lésbica*, a escolha única por essa palavra se deu pela necessidade de visualizar com maior abrangência o que vem sendo trabalhado nas produções de pós-graduação sobre lesbianidade no Brasil. Em um segundo momento utilizei o descritor *sapatão*, termo político social que normalmente é empregado de forma a transparecer uma atitude audaciosa de atuação ativista. O recorte temporal utilizado para a realização dessa pesquisa foi de dez anos, 2009 à 2019, período propício para um bom estudo sistemático de revisão, pois permite uma atualização dos estudos e visualiza as produções recentes produzidas com a temática.

O total de teses e dissertações encontradas com o descritor *lésbica* foi um contingente de 117 produções. Em relação ao descritor *sapatão* os achados se concentram em 10 trabalhos. A junção dos resultados se deu através da organização em uma planilha no Microsoft Excel, na qual obtive com maior organização e objetividade as ferramentas necessárias para discorrer sobre questões como: autoria, frequência de produções por ano; tipo de produção; produções por área de conhecimento; produções por localização geográfica; tipo de instituições, prevalências de instituições públicas e privadas e palavras-chave mais citadas. Após preenchimento da planilha e exclusão das produções repetidas e das que não se adequaram ao período temporal definido na pesquisa, cheguei ao quantitativo de 110 trabalhos. Desse total, apenas 09 apresentam aproximações com minha pesquisa em

andamento, os quais serão apresentados no decorrer do texto.

3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Do total de 110 trabalhos localizados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, 84 são vinculadas aos programas de mestrado e 26 aos programas de doutorado. Se compararmos esse resultado com o resultado obtido em uma busca realizada com o descritor *Gay*, na mesma plataforma, no mesmo período, que obteve 1333 trabalhos, percebemos que as mulheres de forma geral, e de forma específica as lésbicas, sofrem com a subjugação e com a herança histórica e presente do modelo patriarcal, inclusive nas ciências. Podemos atribuir essa disparidade quantitativa à invisibilidade presente nas pesquisas acadêmicas em relação a lesbianidade no Brasil. Como afirma Adrienne Riche (2010, p.36), “As lésbicas têm sido historicamente destituídas de sua existência política através de sua “inclusão” como versão feminina da homossexualidade masculina”. Essa afirmativa me faz pensar que a falta de representatividade, a ignorância e o preconceito geram no imaginário social uma visão única sobre homossexualidade, contribuindo assim, para a invisibilidade histórica, violência e lesbofobia. “Equacionar a existência lésbica com a homossexualidade masculina, por serem as duas estigmatizadas, é o mesmo que apagar a realidade feminina mais uma vez” (Adrienne RICHE, p.37)

Mesmo que o número de pesquisas que tratam de questões lésbicas seja significativamente pequeno em relação ao número de trabalhos localizados com o descritor *Gay*, tendo como referência pronomes femininos e masculinos reconhecidos como tais pela língua portuguesa, há um número expressivo de autoria feminina nos estudos analisados. Do total de trabalhos, 90 foram produzidos por mulheres e 20 por homens. Reconhecemos que é arbitrário o uso de pronomes femininos e masculinos como referência, pois como afirmam Silva, Santos, Silva, Moreira e Viera (2020, p. 12), “o prenome por si não basta para identificar o sexo e/ou o gênero da pessoa”. Porém, embora haja fragilidade nesse dado, o resultado me faz pensar que quando as questões de pesquisa se remetem, direta ou indiretamente, as questões lésbica, são as mulheres em sua grande maioria que expressam o desejo e concretizam as pesquisas. Cabe atribuir um significado de pertencimento representativo frente a essa demonstração. Como expressa Monique Wittig (1980, p.06), “a nossa fala, a nossa escrita funcionam como uma ameaça um rompante, ‘falamos, então deixe-nos que quebramos o contrato heterossexual”.

Cada vez mais pode ser observado a participação das mulheres na ciência, cujos resultados são de extrema relevância para o debate sobre a produção do conhecimento científico e as relações de gênero no contexto das organizações contemporâneas, especialmente nas instituições de ensino superior. (CASAGRANDE; CARVALHO, 2011). No entanto, não cabe visualizar esse crescimento sem entender que as pesquisadoras, principalmente as lésbicas e negras, enfrentam barreiras significativas quanto as dificuldades e condições de adentrar e permanecer com bons resultados e aceitação nesse *locus* privilegiado do conhecimento, que é a universidade. Provavelmente, essas estudantes e professoras, tiveram que apresentar um esforço maior em comparação as mulheres não lésbicas e brancas.

Quando observado as regiões em que se situam as instituições das autoras e autores dos trabalhos analisados, observamos que a região sudeste expressa o maior número de estudos (56), seguida das regiões nordeste, com 24 e sul, com 19. Os menores quantitativos são apresentados nas regiões centro-oeste, com 6, e norte, com 5. Tendo em vista que o centro econômico social brasileiro se encontra no eixo Rio de Janeiro/São Paulo, e que as mais renomadas e reconhecidas universidades brasileiras também estão localizadas nessa região, há de se pensar que, as áreas do conhecimento científico e as pesquisas também agregam influências em decorrência desse fator.

Quanto ao vínculo institucional das autoras e autores das produções, os dados sugerem que a maioria das produções, 100 trabalhos, foram realizadas em universidades públicas. Apenas 10 foram produzidos em universidades privadas. Dentre as universidades públicas, 73 são federais e 36 estaduais, para além de um programa que difunde universidade federal e estadual [2]. Partindo da perspectiva de me localizar nesse estudo, focalizei no número representativo da região nordeste. Dentre as 24 pesquisas encontradas, 07, foram produzidas no Estado da Bahia, sendo 05 vinculadas a Universidade Federal da Bahia, 01 relacionada a Universidade Católica de Salvador e 01 ligada ao programa multidisciplinar, Difusão do Conhecimento.

Na configuração das palavras-chave foi possível perceber a expressividade de palavras como: lésbicas, sexualidades, relações de gênero e homossexualidades. No entanto, palavras tão caras como violência, lesbofobia, racismo/raça, aparecem nessa pesquisa com pouco destaque. Mesmo sendo termos que demarcam um lugar significativo no trato para com as mulheres lésbicas, sobretudo as mulheres pretas, essas temáticas ainda são pouco tratadas. Há de se considerar que para lutar contra a violência, contra o racismo e a lesbofobia, antes, precisa-se assumir um lugar de pertencimento, reconhecimento e luta, talvez essa questão, justifique a nítida visibilidade do termo identidade.

4 LESBIANIDADE E EDUCAÇÃO: O QUE ESPELHA A PRODUÇÃO CIENTÍFICA?

No tocante, as produções sobre lesbianidade e educação se concretizam em 09 trabalhos, sendo 07 realizados por mulheres e 02 por homens. Desse total, 06 estão relacionados aos programas de educação, sendo o restante ligados aos programas de Educação, cultura e comunicação, política social e arte e educação, 06 são dissertações e 03 são teses. O sudeste se destaca no número de produções, somando 06 trabalhos, seguindo da região Norte, com 02 e Sul com 01 trabalho.

As pessoas que compõem essas pesquisas, que em tese, esperava-se as professoras lésbicas, ganham representações de professores gays, travestis e bissexuais. O que me leva a constatar que quando se trata de sexualidades, as que se apresentam de forma dissidentes, fora de uma norma heterossexual, tendem a se unir, a própria representação da sigla LGBTQI+ [3] exemplifica esse fato, o que pode ser justificado pela busca de visibilidades e direitos. O risco que se corre nessa união é a visibilidade potente de uns e a invisibilidade presente para outros, além da constante confusão inserida no imaginário social, entre identidade de gênero e orientação sexual.

De acordo com Elizabeth Zambrano (2011, p.100), a população geral não distingue as categorias identitárias LGBT de forma muito definida. Assim, o preconceito é percebido de maneira quase uniforme [...] é como se essas diferentes “identidades” formassem um só grupo chamado “homossexuais”. Ao problematizar a categoria invisibilidade, foi possível perceber que os trabalhos são, em sua maioria, marcados por questionamentos e preposições que buscam saber sobre as representações identitárias, como essas representações foram constituídas e como são vistas, vivenciadas e experienciadas no ambiente escolar e nas vidas pessoais dos sujeitos das pesquisas, o que me faz perceber, que mesmo que tenhamos avançado em termos de pesquisas, quando o trato é para as questões lésbicas o contexto das vivências ligadas ao existir, e a afirmação dessas existências, ainda são prioridades, haja vista as determinações heteronormativas e as consequências da invisibilidade.

Ao tratar da heteronormatividade, todos os trabalhos apontam como um grande impasse social, opressor nas vidas das professoras que vivem suas sexualidades fora desse

enquadramento heteronormativo, principalmente se considerarmos o espaço escolar, pois esse funciona como um agente controlador. Como bem aponta Monique Wittig (1980) o discurso da heterossexualidade oprime lésbicas, mulheres e homens homossexuais, se definindo como a base de qualquer sociedade. Para Berenice Bento (2011) esse discurso na escola funciona como uma pedagogia dos gêneros hegemônicos e tem como objetivo preparar os corpos para a vida referenciada na heterossexualidade.

Ao pensar na escola de acordo com os trabalhos analisados foi possível visualizar essa como um local “cruel” nas vidas e nas experiências tanto de estudantes como de profissionais que fizeram parte das pesquisas, a maioria dos trabalhos concluíram com a afirmativa que nas vidas dessas pessoas a escola foi hostil e excludente. No entanto alguns trabalhos expressaram uma tomada de posição, apontando para a ocupação dos seus corpos demarcados pelas sexualidades e gêneros, como uma presença política, afirmativa e inspiradora, alegando que suas presenças, por se só, constituindo representações positivas no ambiente escolar, atribuído significados outros, diferente desses que constantemente configuram a escola unicamente com representações negativas para a comunidade LGBTQI+.

Do total de 06 trabalhos que trataram unicamente da mulher lésbica, 04 deles falam sobre a professora lésbica, 02 discorrem sobre a trajetória estudantil dessas mulheres. Deste contingente, apenas 02 apresentam essas mulheres com um foco racial, um abordando a trajetória escolar e não escolar de mulheres e lésbicas afrodescendente, e o outro apresentando uma professora performer com suas significações lésbica e negra corporificadas. Esses dois trabalhos apresentam significações de aproximações com a minha proposta de estudo, visto que pretendo discorrer sobre trajetórias docentes de professoras lésbicas negras na universidade e entendo essas categorias corporificadas nas minhas experiências de professora lésbica negra. É importante destacar que todos os estudos analisados nessa revisão, tiveram como *locus* de pesquisa a escola e a educação básica, apresentando assim, o diferencial em relação a minha proposta.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber que quando o trato é para com as mulheres lésbicas, a temática ainda tem pouca aderência nos programas de pós-graduação, isso levando em consideração a plataforma de busca utilizadas, Catalogo de teses e Dissertações da CAPES.

Os programas de mestrados demonstram maior interesse na área, as mulheres são as que mais pesquisam, as regiões sudeste e nordeste tem o maior número de pesquisas realizadas. Psicologia, saúde e educação são as principais áreas do conhecimento que estudam sobre, com uma significativa elevação entre os anos de 2017 à 2019.

Os resultados relevantes para o meu estudo se concentram nos trabalhos relacionados a professora negra lésbica. Analisando esses trabalhos de forma mais aprofundada, foi possível perceber que esses, apresentam a professora lésbica, a estudante lésbica, a professora lésbica negra e as bissexuais, como corpos demarcados por trajetórias hostis e excludentes. No entanto, esse espaço escolar, visto de forma ruim para estudantes e professoras que expressam suas sexualidades fora da norma heteronormativa, foi caracterizado por alguns trabalhos, como uma demarcação política e de valorização de presença lésbica. Corporificando suas significações, de forma a perceber que suas existências e atuações nesse espaço, representam a positiva perspectiva de uma tomada de posição.

Pode-se concluir com esse estudo que as pesquisas no campo da sexualidade apresentam vasta produções acadêmicas e que essas vão se afunilando e diminuindo quando, partimos de forma mais específica para os estudos sobre homossexualidade, principalmente ao tratarmos da lesbianidade, sobretudo se esses se apresentarem na área da educação e trazem

a perspectiva interseccional de um corpo feminino demarcado por um recorte racial.

PALAVRAS-CHAVE: professora negra lésbica; lesbianidades; produção científica; educação.

REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que que a diferença faz diferença**. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2011

GALVÃO, Maria Cristiane; Ricarte, Ivan. **Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação**. LOGEION: Filosofia da informação, Rio de Janeiro, v. 6 n. 1, p.57-73, set.2019/fev. 2020

LEMOS, Ana Carla. **Construção do estado da arte sobre as lésbicas no nordeste: uma (geo)política necessária**. V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. 2017

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Revista Bagoas, Natal, v. 4 n. 5, p.17-44, 2010.

SILVA; SOUZA; ARAÚJO; ROSÁRIO; LIMA. **Cartografia da comunicação escrita de autoras lésbicas publicadas nos periódicos eletrônicos periódicos cadernos de gênero e diversidade, período de 2014 a 2018**. RevIU–Revista Informação & Universidade. 2020

WITTIG, Monique. **O Pensamento Hétero**. Modern Language Association Convention. 1980

ZAMBRANO, Elizabeth. A homofobia no Brasil: os dados coletados. IN: **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

[1] Pesquisa iniciada na CAPES, dia 05 de março de 2020.

[2] Doutorado multiinstitucional e multidisciplinar em difusão do conhecimento. Universidade Federal da Bahia (UFBA); Universidade do Estado da Bahia (UNEB); Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); Instituto

federal da Bahia (IFBA); Laboratório Nacional de Computação Científica (LNCC); Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI)

[3] Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros, *queer*, intersexo.